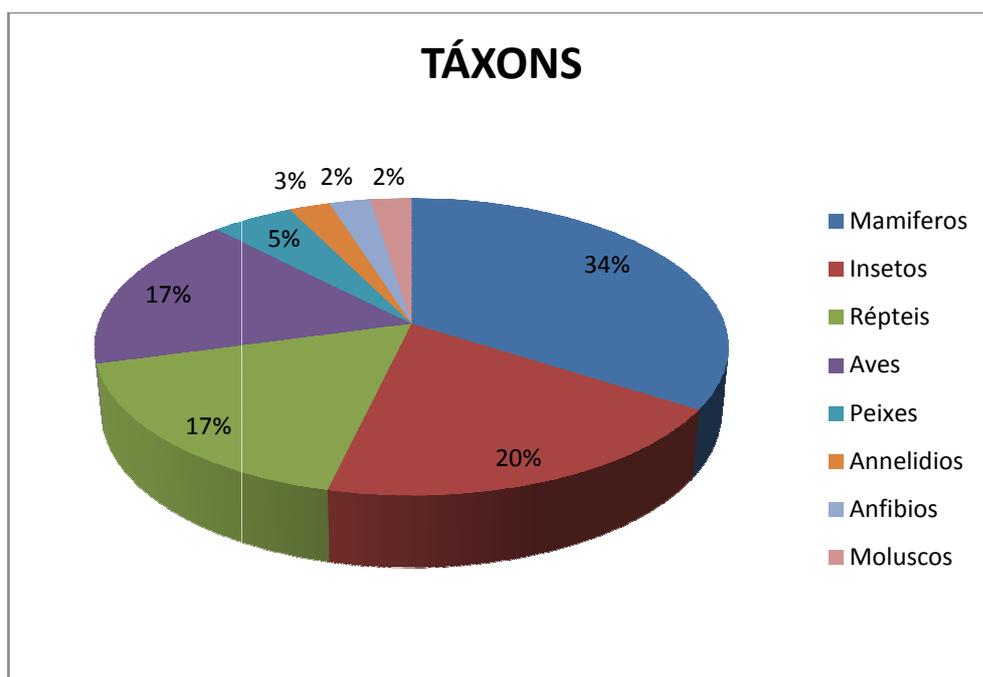


Os entrevistados foram questionados quanto ao hábito de ir ao médico. Um total de 94% respondeu que costumavam ir ao médico regularmente, em alguns casos todos os meses para o controle do Diabetes e ou/ Hipertensão. Afirmaram ainda que antes de procurar assistência médica fazem uso dos produtos derivados de animais medicinais ou plantas. Um percentual de 6% respondeu que só vão ao médico esporadicamente, quando não conseguem solucionar o problema com zoterápicos ou fitoterápicos. Esse hábito de utilizar animais, vegetais e minerais em tratamentos médicos já é, há muito tempo, exercido e disseminado por várias sociedades mundiais (DAVID & ANDERSON, 1969; LEV, 2003).

Quanto ao atendimento médico assistido a população, os entrevistados julgaram hoje em dia ter mais assistência que antigamente, mas com ressalva para as especialidades médicas que não dispõe no Município. As vezes chegam a esperar um ano por um exame ou uma consulta. No que diz respeito a atenção básica, constatou-se que 100% dos entrevistados tem cobertura pelo PSF (Programa de Saúde da Família). Mesmo assim a população entrevistada diz ter uma assistência médica precária, por isso recorrem a medicina popular usando plantas e animais, entretanto eles ressaltam terem um atendimento contínuo dos agentes comunitários de saúde e dos agentes de endemias.

## 5.2- Animais Medicinais pesquisados no Município de Alagoa Nova.

Registrou-se no presente estudo o uso de 42 animais medicinais (31 vertebrados e 11 invertebrados) no Município de Alagoa Nova – PB, distribuídos em oito categorias taxonômicas. (Figura 03)



**Figura 06 - Número de espécies utilizadas pra fins medicinais por táxon no Município de Alagoa Nova – PB**

No Brasil, de acordo com documentos históricos o uso de animais para fins medicinais vem desde a colonização (ALMEIDA, 2005). Porém, somente a partir da década de 80, estudos vem demonstrando a importância da zooterapia para comunidades tradicionais ou local de paisagens sócio-culturais-ambientais distintas (ALVES, 2009). Como exemplo pode citar os trabalhos de Branch & Silva (1983), os quais catalogaram 33 espécies animais utilizados como medicinais no norte do Estado do Pará; Begossi (1992) fez uma relação do uso de 10 espécies animais na ilha de Búzios, Estado de São Paulo; Marques (1995) que diagnosticou o uso de 56 espécies na ecorregião de Várzea

de Marítuba, Estado de Alagoas, e Seixas & Begossi (2001) os quais comprovaram 16 espécies usadas por pescadores em Ilha Grande, Estado do Rio de Janeiro.

Os táxons com maior número de espécies medicinais citadas foram: mamíferos (14) que equivale a (34%), insetos (08) equivalendo a (19%), répteis e aves ambos com 07 citações (17%) (Figura 03). Alves et al. (2009) estudando remédios a base de animais como complemento medicinal em uma comunidade tradicional do agreste paraibano também perceberam destaque da categoria mamíferos e aves entre os animais medicinais. O número de animais registrado neste trabalho foi bastante significativo sendo aproximado ou superior ao número de espécies registradas em outras pesquisas realizadas no Brasil e no mundo. Pesquisa realizada no Sudão, El-Kamali (2000) relata o comércio de 23 espécies animais para finalidades terapêuticas na medicina tradicional; Arispe & Rumiz (2002), realizaram estudo em bosques chiquitanos, cerrado e pantanal, na Bolívia registrando o uso de 28 espécies. No Brasil, SILVA *et al.*,(2004) catalogaram 18 espécies de animais medicinais, comercializados em mercados da cidade de Recife- PE. Em pesquisa realizada no semi-árido Nordeste, (ALVES *et al.*,2008c) inventariaram o uso de 37 espécies animais para fins medicinais em Santa Cruz do Capibaribe. Matérias-primas derivadas de 16 espécies foram citadas por erveiros locais em Feira de Santana Bahia, com uma capacidade diversificada na cura de doenças (COSTA-NETO, 1999). Na Paraíba 51 espécies zoterápicas foram registradas no Município de Queimadas (ALVES *et al.*,2009).

No presente trabalho foi registrado que das espécies animais citadas, são extraídas 25 matérias-primas, que são empregadas na confecção de vários remédios recomendados para tratar diversas doenças, diagnosticadas popularmente, como: Asma, reumatismo, furunculose estrepe, gripe, dor de garganta, inflamação entre outras. Entretanto algumas dessas matérias-primas não são nativas da região, por exemplo, (*Electroporus sp.* - peixe elétrico) e (*Rhea americana* – ema), que segundo os entrevistados são trazidas por atravessadores de outras cidades e/ou Estados. Esse fato sugere a existência de rotas comerciais de produtos zoterápicos entre diferentes cidades do Nordeste do Brasil, um fato previamente constatado por (ALVES & ROSA, 2007), os quais investigaram o comércio de animais medicinais em áreas metropolitanas do Norte e Nordeste do Brasil.

De acordo com a Tabela 01, os animais medicinais podem ser utilizados integralmente ou em partes isoladas. As partes citadas são: Cauda, pêlo, banha, óleo, leite, osso, abdome, fígado, guizo (maracá de cobra), baba (saliva do animal), couro, penas, animal inteiro, larvas, casa do animal, sangue, mel, pele, ovo e secreções do corpo. As matérias-primas citadas em sua maioria têm sido registradas em outros trabalhos acerca da utilização humana dos recursos zoterápicos no Brasil (MARQUES, 1995; BEGOSSI & BRAGA, 1992; COSTA-NETO, 1999), o que sugere que essa prática é amplamente disseminada no país. Isto evidencia a importância de compreender as práticas zoterápicas no contexto da conservação da biodiversidade no Brasil (ALVES, 2006). Alguns dos animais relatados neste trabalho, também são utilizados na medicina tradicional de outros países. No Sudão, *A. melífera* é usado para o tratamento de úlceras gástricas, *G. domesticus* é usado para tosses e *Ovis aries* é usado no tratamento de gengivite (EL-KAMALI, 2000). Na Índia *Pavo cristatus* é usado para tratar infecções na orelha e dores musculares, *Sus scrofa* e *G. domesticus* são utilizados para o tratamento de reumatismo, mordida de cobra, queimaduras e impotência sexual (KAKATI et al., 2006; MAHAWAR; JAROLI 2006, 2007, 2008; NEGI; PALYAL, 2007).

Os produtos zoterápicos registrados são utilizados para o tratamento de 49 doenças diferentes (Tabela 01). A maioria das espécies apresenta múltiplas indicações terapêuticas, sendo mencionadas para o tratamento de mais de uma doença, como por exemplo, o tejuçu (*Tupinambis merinae*) e o cágado (*Phrynops sp.*), que são indicadas para 3 e 4 enfermidades, respectivamente. Alves *et al.* (2007) sugerem que a sobreposição de indicações terapêuticas para animais medicinais diferentes é popularmente útil por permitir uma adaptação à disponibilidade e acessibilidade do recurso medicinal.

A categoria dos mamíferos foi a mais citada para tratar diversas enfermidades. Desses animais o que eles citaram que obtém através da compra é a banha de carneiro (*Ovis Áries*), porque já vem associada com alguma planta medicinal que também serve para tratamento de doenças e a banha do peixe boi (*Trichecus sp.*). Vale ressaltar que o peixe boi consta na lista oficial das espécies brasileiras ameaçadas de extinção (ALVES, 2006) e por não ocorrer na região, pode ser um produto adulterado. Dentre os mamíferos, o carneiro (*Ovis Áries*) foi o mais citado, Um total de 190 pessoas disse usar ou ter conhecido alguém que usou a banha preparada em casa conhecida popularmente

por “sebo de carneiro” ou a industrializada, comercializada em potinhos associada a plantas medicinais (Figura 07). Esses zoterápicos são indicados para tratar reumatismo, artrite, torções, acne, furúnculo e dor na coluna.



**Figura 07** - Exemplo do animal medicinal e seus respectivos produtos zoterápicos encontrados nas residências durante as pesquisas. (A) carneiro, *O. Aries*; (B) sebo de carneiro; (C) banha do carneiro industrializada associada a plantas medicinais; (D) uso da banha através de massagens.

Os répteis também aparecem com destaque o uso medicinal. A espécie *Tupinambis merinae* – tejuçu, teiú, teju, ( figura 08), teve um total de 253 citações. A banha desse animal é usada no tratamento de três enfermidades: Dor de garganta, asma e furunculose. O uso medicinal da espécie *T. meriana* foi também registrada para os estados de Alagoas (FREIRE, 1996), Ceará (PAIVA e CAMPOS, 1995), São Paulo (BEGOSSI, 1992) e Paraná (FERNANDES-PINTO & CORRÊA, 1998); Piauí (ALVES, 2006). Na região da APA de Guaraqueçaba, por exemplo, a gordura do teiú é utilizada para 15 indicações terapêuticas (FERNANDES - PINTO *et al.*, 1998), na região Nordeste, o *Tupinambis merinae* tem sido apontado como um dos principais animais de uso zooterapêutico tanto na etnomedicina (ALVES, 2009), quanto na etnoveterinária (BARBOSA *et al.*, 2007). No Brasil, as matérias prima derivadas deste animal são usadas no tratamento de treze doenças humanas (ALVES, *et al.*, 2007), e quatro veterinárias (BARBOSA *et al.*, 2007).



**Figura 08-** Animal medicinal encontrado na residência durante as visitas. (A) teju, teiú, tejuçu, *Tupinambis merinae*; (B) amostra da banha do tejuçu da qual será feito o zooterápico.

Além do uso medicinal os entrevistados relataram que o teju também é usado na alimentação, este fato torna-se preocupante porque segundo Alves & Rosa (2006) a multiplicidade de usos é um fator que ocasiona maior pressão sobre essas espécies. Estas afirmações reforçam o que foi dito pelos entrevistados que este animal está diminuindo e atualmente não se encontra mais como antigamente.

Outra espécie de réptil citada de relevante uso foi *Phrynops sp.* - cágado d'água (figura 09), mencionado por 107 entrevistados. A parte utilizada desse animal é a banha, indicada no tratamento das seguintes doenças: Dor de garganta, estrepê, furunculose e asma. Outras comunidades também utilizam o cágado como remédios. Costa e Schiavetti (1999), por exemplo, encontraram o uso do casco de *Phrynops sp.* para o tratamento de “perebas” (feridas) por comunidades ribeirinhas do sul da Bahia. O uso trófico-medicinal e o registro de conhecimentos etnozoológicos sobre cágados-d'água do gênero *Phrynops sp.* também foram realizados por Alves e Souto (1998) no Açude de Bodocongó, em Campina Grande, estado da Paraíba.



**Figura 09-** Exemplar do cágado d'água *Phrynops sp.* usado para fins medicinais pelas comunidades pesquisadas.

Os insetos englobam oito espécies citadas na presente pesquisa, com destaque para as abelhas, as quais são usadas para propósitos medicinais e duas delas também para propósitos alimentares. As espécies mencionadas foram: abelha uruçú (*Melipona scutellaris*), abelha italiana (*Apis mellifera*), abelha mosquito (*Tetragonisca angustula*), (figura 10), entretanto a uruçú é o inseto mais evidenciado (261 citações), sendo apontada pelos habitantes das comunidades como “a abelha que produz o melhor mel”. Esta afirmação também foi constatada por Costa Neto (2000), na comunidade de Remanso Estado da Bahia. Segundo declarações dos participantes desta pesquisa, os méis são um santo remédio para as infecções respiratórias, cansaço físico e câncer. Eles afirmam que só procuram médico quando o mel não resolve. Geralmente usam associado ao limão, para as doenças respiratórias, ou tomam puro e ainda nas garrafadas

para o câncer. No momento das entrevistas foi observado que na maioria das casas existia pelo menos um caixote ou “cortiço”, denominação local para as casas destas abelhas, que ficam nas varandas das casas ( figura 10 A e B, ), estas não ameaçam os moradores pois são abelhas sem ferrão, e além do propósito medicinal, o produto é vendido para ajudar na renda familiar. Segundo Bazlen (2000) apud Aida et al., (2002), que estudou diferentes méis de abelhas brasileiras sem ferrão, e confirmou atividades bacteriostáticas e bactericidas desse produto.



**Figura 10-** Cultivo de abelhas nas residências dos usuários de animais medicinais. (A) Caixotes ou “cortiços” na varanda da casa, espécie uruçú *Melípona scutellaris*; (B) abelha mosquito, *Tetragonisca angustula*; (C) criador de abelhas retirando o mel com uma seringa; (D) Mel da uruçú armazenados em litros.

Por conta do potencial apícola de Alagoa Nova, foi construída a “Casa do Mel” no ano de (2005) (figura 11), localizada no sítio Pau D’arco, patrocinada pela Petrobras Ambiental, com o objetivo de capacitar os produtores da área de abrangência do projeto. A idéia é oferecer capacitação continuada para o agricultor criar, e beneficiar o mel dentro das técnicas exigidas para uma melhor qualidade do mesmo e facilitar a comercialização. O mel beneficiado nesta casa tanto é usado para fins medicinais como alimentar. O uso alimentar é efetuado principalmente na merenda escolar do município e é servido como sobremesa nos cursos de capacitação que acontecem no referido local



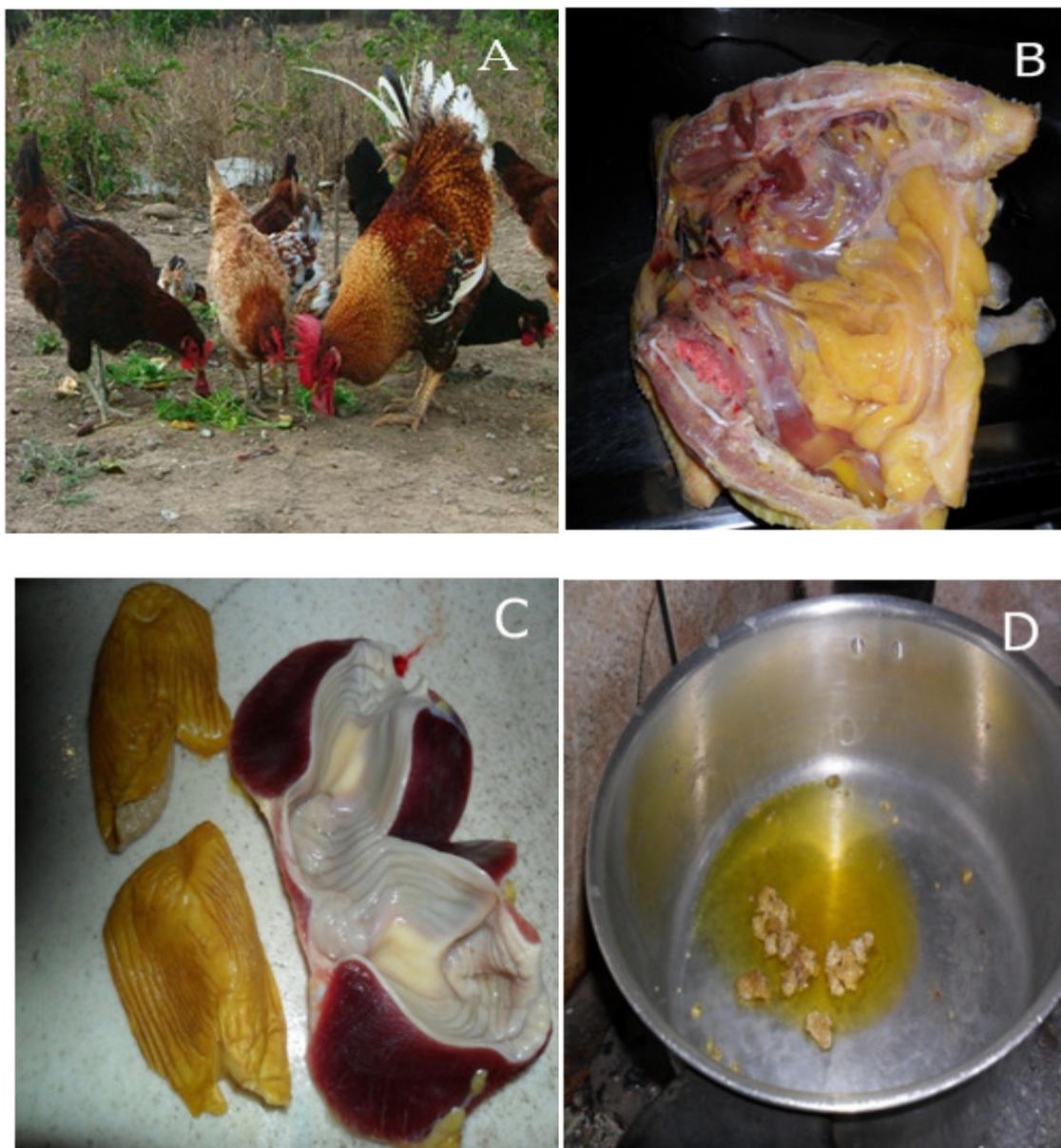
**Figura 11** - (A) Casa do Mel; (B) mel sendo embalado para comercialização; (C) Resultado final do produto; (D) cursistas fazendo uso do mel na sobremesa.

Outra espécie de inseto bastante citada para fins medicinais é da ordem Isoptera – cupim. Um total de 196 pessoas relatou que fazem o uso desse animal no tratamento das seguintes doenças: Bronquite, asma, e gripe. Este zoterápico é preparado na forma de lambedor com o animal inteiro mais a casa dele ( Figura 12). Lenko e Papavero (1996), também encontraram em suas pesquisas o uso dos cupins na medicina popular, segundo eles os cupins são uma verdadeira panacéia, pois são recomendados nos seguintes casos: bronquite, coqueluche, feridas, gripes e resfriados, hemorragias, mordida de cachorro, picadas de cobras e escorpiões, bócio, parto, prisão de ventre, pneumonia, hérnia, reumatismo, sarampo, umbigo grande e crianças que urinam na cama. Para a cura dessas enfermidades, emprega-se o chá dos insetos esmagados (ou de seus ninhos) ou a inalação do cupinzeiro incinerado. Em Alagoas, cupins em água fervente são dados a quem sofre de asma (LAGES FILHO, 1934). Em Alter do Chão, Pará, o chá feito com indivíduos adultos de *Microceroternus exiguus* Holmgren, 1921, é usado contra asma (BRANCH e SILVA, 1983). Os curandeiros de Zâmbia utilizam os cupins *Macrotermes* spp. e *Hodotermes mossambicus* (OVERAL, 1990) no tratamento da desnutrição infantil: as rainhas dessas espécies são coletadas e comidas cruas ou parcialmente cozidas (MBATA, 1999).



**Figura 12-** ( A) cupinzeiro usado para fins medicinais; (B) lambedor do cupim sendo mostrado por usuário.

Com relação às aves foi registrado o uso de 07 espécies medicinais, sendo a mais evidenciada *Gallus domesticus* – galinha (figura13), cuja banha é usada no tratamento de furunculose, obstrução nasal, dor de garganta, asma, e dor de ouvido, e a pele da moela usada para congestão (figura 13 C). A banha de galinha também é recomendada em Feira de Santana na Bahia, para o tratamento de furúnculos e catarro (COSTA NETO, 1999a). Como aponta Alves (2006), *Gallus domesticus* também tem o uso místico - religioso bastante disseminado em todo Brasil, principalmente entre adeptos de religiões afro-brasileiras



**Figura 13** – (A) *Gallus domesticus* (galinha) e as matérias – primas medicinais; (B) e (D) banha, e (C) pele da moela.

O uso de alguns animais medicinais no Município de Alagoa Nova PB, é associado com crenças populares locais conhecidas como “simpatias”. Segundo os entrevistados essas “simpatias” muitas vezes consistem em segredos, como no caso em que as pessoas tratadas com zooterápicos não podem saber o que estão tomando, caso contrário, o remédio não fará efeito. Como exemplo é o chá da lagartixa ( figura 14 A), usada na forma de gargarejo para dor na garganta, e a infusão deste animal na bebida para alcoolismo, a pessoa que vai usar não pode saber do que se trata, outra crença relatada pelos entrevistados é que na casa do portador de asma deve-se criar jabuti( figura 14 B), e dividir as refeições diárias com ele, sendo assim o cansaço passará para o animal e a pessoa ficará curada. Essas crenças populares são comumente associadas com o uso de animais medicinais no Brasil (ALVES et al., 2007; ALVES et al., 2009; FERREIRA et al. 2009). Essas intervenções corroboram com informações de Alves et al. (2007), que relacionam, em muitos casos, a medicina tradicional brasileira com sistemas locais de crenças e “simpatias”, e afirmam que esses saberes populares podem ter diferentes implicações, dependendo do modo como as espécies animais são usadas (vivas ou mortas) nas comunidades tradicionais. Tanto a crença na eficácia dos produtos animais, como o componente místico do fenômeno zooterápico estariam incluídos em uma dimensão ideológica (MARQUES, 1999).



**Figura 14-** Animais usados como zooterápicos associados a crenças populares “simpatias.” (A) lagartixa, *Tropidurus hispidus*; (B) jabuti do pé vermelho, *Chelonoidis carbonaria*